

CINEMA

Mario de Andrade¹

"O GAROTO" por Charlie Chaplin é bem uma das obras primas mais completas da modernidade para que sobre elle insista mais uma vez a irriquieta petulancia de KLAXON. Celina Arnauld, pelo ultimo numero fóra de serie da "ACTION", commentando o film com bastante clarividencia, denuncia-lhe dois senões: o sonho e a anedota da mulher abandonada que por sua vez abandona o filho. Talvez haja alguma razão no segundo defeito apontado. Effectivamente o caso cheira um pouco a sub-litteratura. O que nos indignou foi a poetisa de "POINT DE MIRE" criticar o sonho de Carlito. Eis como o percebe: "Mas Carlito poeta sonha mal. O sonho objectivado no film choca como alguns versos de Casimiro Delavigne intercaladas ás "ILLUMINATIONS" de Rimbaud. Em vez de anjos alados e barrocos, deveria simplesmente mostrar-nos "pierrots" enfarinhados ou ainda outra cousa e seu film conservar-se-hia puro. Mas quantos poemas ruins têm os maiores poetas!"

Felizmente não se trata d'um máu poema. O sonho é justo uma das paginas mais formidáveis de "O GAROTO". Vejamos: Carlito é o maltrapilho e o ridiculo. Mas tem pretensões ao amor e á elegância. Tem uma instrução (seria melhor dizer conhecimentos) superficial ou o que é peor desordenada, feita de retalhos, colhidos aqui e além nas correrias de aventura.

É profundamente egoista como geralmente o são os pobres, mas pelo convívio diurna na desgraça chega a amar o garoto como a filho. Além disso já demonstrara sufficientemente no correr da vida uma religiosidade inculta e ingenua. Num dado momento conseguem enfim roubar-lhe o menino. E a noite adormecida é perturbada pelo desespero de Carlito que procura o enfeitado. Com a madrugada, chupado pela dor, Carlito vae sentar-se á porta da antiga moradia. Cahe nesse estado de somnolencia que não é o somno ainda. Então sonha. Que sonharia? O lugar que mais perlustrara na vida, mas enfeitado, ingenuamente enfeitado com flores de papel, que parecem tão lindas aos pobres. E os anjos apparecem. A pobreza inventiva de Carlito empresta-lhes as caras, os corpos conhecidos de amigos, inimigos, policias e até cães. E os incidentes passados misturam-se às felicidades presentes. Tem o filho

¹ Texto de autoria de Mário de Andrade publicada na Revista Klaxon, número 5, em 15 de setembro de 1922, páginas 13 e 14. Grafia original mantida.

ao lado. Mas a briga com o boxista se repete, E os policiaes perseguem-no. Carlito foge num vôo. Mas (e estaes lembrados do sonho de Descartes) agita-se, perde o equilibrio, cahe na calçada. E o sonho repete o accidente: o policia atira e Carlito alado tomba. O garoto saccode-o, chamando. É que na realidade um policia chegou. Encontra o vagabundo adormecido e saccode-o para accordal-o. Este é o sonho que Celina Arnauld considera um máu poema. Como não conseguiu ella penetrar a admiravel perfeição psychologica que Carlito realizou! Ser-lhe-hia possivel com a mentalidade e os sentimentos que possuia, no estado psychico em que estava, sonhar **pierrots** enfarinhados ou minuets de aeroplanos! Estes aeroplanos imaginados pela adoravel dadaista é que viriam forçar a **intenção** da modernidade em detrimento da **observação** da realidade. Carlito sonhou o que teria de sonhar fatalmente, necessariamente: uma felicidade angelical perturbada por um subconsciente sabio em coisas de soffrer ou de ridiculo. O sonho é o comentário mais perfeito que Carlito poderia construir da sua pessoa cinematographica. Não choca. Commove immensamente, sorridentemente. E, considerado á parte, é um dos passos mais humanos da sua obra, é por certo o mais perfeito como psychologia e originalidade.

M. de A.